

Mediocridade e pasmaceira

MARCELO DE PAIVA ABREU

A julgar pelas pesquisas de opinião, Lula, qual asno de Buridã, eqüidistante entre a água e o feno, vai morrer de fome e sede. Na dúvida entre 'sair', nas eleições, de PT tradicional ou de PT que tentou modernizar-se, parece estar pronto a entregar a eleição à oposição. O equilíbrio entre o PT 'autêntico' e o PT 'neoliberal' não resistiu à perda de face com a constatação do uso generalizado de práticas ilegais pelo partido. Tornou-se fundamental encontrar explicação que evitasse a óbvia: para boa parte do partido o alegado compromisso com a ética era balela.

Zonzos com a perda de reputação, os próceres partidários partiram para explicações que fossem úteis na recuperação da perda de face e, também, nas disputas internas do partido. Essa é a origem da sugestão espúria de que há parentesco claro entre a difusão do *modus operandi* de fazer finanças partidárias ilegalmente e a reorientação do programa econômico de governo rumo ao 'neoliberalismo'. O risco Brasil bate recordes de baixa, o País liquida antecipadamente suas obrigações com o FMI e a nova direção nacional do PT assevera que tem 'consciência do que está em jogo, tanto para o Brasil quanto para a América Latina'. E adverte: 'Não permitiremos o retorno, ao governo federal, de partidos comprometidos com o ideário neoliberal, com os interesses do capital financeiro e dos Estados Unidos'... E tome abraços em Chávez.

Mesmo que a esta altura o presidente resolva optar por disputa eleitoral calcada na defesa de sua principal realização, que é a estabilização da economia, é bom que saiba que o vaso quebrou quando abandonou a política econômica ao ataque da rafaméia política que ascendeu com o ocaso das lideranças atingidas pelo mensalão. Caso se arrependa, será difícil readquirir a credibilidade anterior, em vista da leviandade do comportamento no passado recente. A esta altura da partida, não é impossível que a principal influência que Lula venha a ter no ano próximo seja sobre a qualidade da herança deixada ao seu sucessor.

Com o PT dividido e as dificuldades de Garotinho, candidato que bem ilustra o ditado siciliano de que 'o pior nunca tem fim', tudo indicaria um sucessor do PSDB. Mas há pouca base para regozijo, mesmo nesse cenário. O Brasil de hoje, mergulhado na pasmaceira, precisa de lideranças políticas que o sacudam, que não tenham temor em insistir que o País deve abandonar o seu conforto com a mediocridade. Engajar-se em esforço nacional de autocrítica realista e em busca de melhor desempenho na maioria dos campos de atividade. É urgente que se reconheça que estamos sendo deixados para trás pelo mundo que conta.

Como nação, precisamos refletir seriamente sobre a expressão de Ribeiro Couto a respeito do 'homem cordial', imortalizada por Sérgio Buarque de Holanda como 'contribuição brasileira à civilização'. Essa cordialidade basal não se limitaria a sentimentos positivos e de concórdia, o importante é que vem do coração, procede 'do familiar, do privado', em contraposição ao público. Vertente lamentável da cordialidade definida nestes termos é a prática do jogo do contente. No Brasil, não é de bom tom botar o dedo na ferida e criticar com contundência os contrastes entre a situação no País e o que se passa no mundo, em relação a muitos aspectos da vida brasileira: economia, sociedade, cultura. O jogo do contente baseado no auto-engano permite que inevitavelmente se chegue à conclusão de que as coisas, afinal, não vão tão mal assim. É preciso exorcizar esse hábito para que seja possível mudar o País.

Alguns exemplos, em respeito às limitações de espaço e para não abusar do leitor. A despeito do tom autocongratatório das autoridades educacionais, a qualidade da educação que se oferece no País, dependendo do nível, é, em média, medíocre ou até

vergonhosa. A assistência pública à saúde é insuficiente em qualidade e quantidade. Quanto ao crime, a situação é calamitosa.

Em diversas áreas metropolitanas o crime organizado age com impunidade quase absoluta. O País continua a figurar na lista dos que têm as piores distribuições de renda e o número de miseráveis é ainda imenso. As boas intenções no terreno da ecologia são comprometidas por delinquência predatória persistente. A Justiça é ridiculamente morosa e a situação das prisões, simplesmente selvagem. Os direitos de propriedade nas cidades e no campo são violados sistematicamente, muitas vezes com o beneplácito das lideranças políticas. As alianças diplomáticas do País privilegiam relações com líderes populistas caricaturais e declarações bombásticas de independência, típicas de repúblicas de bananas. Boa parte dos meios de comunicação de massa se preocupa simplesmente em encontrar formas inovadoras de narcotizá-las. A sociedade recusa-se a equacionar soluções que permitam a redução de gastos públicos no longo prazo. O ajuste fiscal depende de aumento da carga tributária. É difícil imaginar que alguma das alternativas mais viáveis de candidato presidencial do PSDB tenha condições de empolgar o País para que se quebre a pasmaceira na qual está mergulhado há pelo menos 25 anos, que se instile realismo na sua auto-avaliação e se implemente programa efetivo de mudanças que o faça mover-se com o mundo. É essencial que se rompa o equilíbrio perverso que nos deixa refestelados confortavelmente na mediocridade. Mas está difícil vislumbrar que algo parecido ocorra no próximo mandato presidencial.

Marcelo de Paiva Abreu, doutor em Economia pela Universidade de Cambridge, é professor-titular do Departamento de Economia da PUC-Rio